

Bentto de Lima

A CONCEPÇÃO
TRIMATERIAL DO UNIVERSO
NO PENSAMENTO DE
STEPHANE LUPASCO

© by Dilson Bento de Faria Ferreira Lima 1999

Rio de Janeiro

1 9 9 9

1. Brevíssima apresentação de Stéphane Lupasco

Stéphane Lupasco nasce em 11 de agosto de 1900 na cidade de Bucareste, capital da Romênia. Pelo lado paterno está ligado a uma antiga família moldávia e pelo lado materno tem raízes francesas. Com 16 anos transfere-se para a França, onde estuda e se doutora pela Sorbonne, ensina e constitui família.

Em 1935, Lupasco defende sua tese para o *Doctorat d'État*, no âmbito da filosofia da ciência, ou seja, da epistemologia. Sua tese sobre o devir lógico e sobre a afetividade se compõe de duas partes editadas em dois volumes: *Le dualisme antagoniste* e *Essai d'une nouvelle théorie de la connaissance*. Embora não se consiga atribuir a Lupasco qualquer "mestre" específico, deve-se reconhecer a importância que teve para seu pensamento o curso dado na Sorbonne por De Broglie, de 1921 a 1923, sobre mecânica quântica. Ele mesmo reconhece que, em decorrência desse contato, deu-se uma verdadeira "iluminação"¹ em seu pensamento. Essa iluminação vai exprimir-se nas exigências duma nova lógica fundada, exatamente, na contradição, o que marca o núcleo do pensamento de Lupasco. Já presente na obra de 1935, alcança maior clareza em 1951, em sua publicação intitulada *Le principe d'antagonisme et la logique de l'énergie*, que representa um ensaio sobre uma formalização axiomática, matemática da lógica do antagonismo.

Lupasco é sobretudo um homem de ciência. Pensa cientificamente, mas não teme tirar conclusões filosóficas a partir das novas descobertas oriundas, principalmente, da

1. NICOLESCU, Basarab. "Lupasco et la génèse de la réalité", em *3e.Millénaire*, n.3, julho-agosto de 1982, p. 38.

física e da biologia. Ele não trabalha com dados de qualquer pseudociência que seja; e sua epistemologia não nasce da especulação filosófica, mas, sim, da necessidade experimental. Sua função filosófica ao ordenar tais dados é a de conferir significado de extensão universal. Lupasco não fundamenta seu trabalho na abstração; ao contrário, fundamenta-o na concretude dos conhecimentos atuais sobre a energia.

Não se deve ter dúvidas em afirmar que Lupasco foi dos primeiros pensadores a levar em consideração filosófica radical as novas certezas introduzidas pela física quântica. Suas conclusões incomodam e não foram prontamente acolhidas no âmbito do saber oficial, mas hoje seus leitores começam a formar uma escola que dá frutos em diferentes campos da pesquisa científica. Lupasco infunde uma nova visão do existente bastante difícil de ser negada, uma vez aceitos e compreendidos seus pilares fundamentais. Diante da vastidão de sua obra as presentes notas apenas pretendem divulgar a originalidade dum pensador ainda insuficientemente conhecido no Brasil, embora haja muitos seguidores seu mundo afora, principalmente na França. Uma busca na Internet comprovará sua importância, sobretudo para a discussão da interdisciplinaridade.

2. A trimaterialidade universal em Lupasco

Stéphane Lupasco dá início a sua reflexão impulsionado por uma necessidade filosófica decorrente da relatividade einsteiniana. Entretanto, sua argumentação lógica vai encontrar sua justificativa na natureza intrínseca do próprio método

científico introduzido por Descartes. Ao constatar que a dúvida é função de dois fatores antagônicos, Lupasco encontra o antagonismo como elemento implícito e necessário à própria lógica da ciência como método.

Convém ressaltar, *ab initio*, que Lupasco não busca as certezas científicas com o fito de provar suas hipóteses filosóficas; longe disso, seu pensamento evolui sempre, mas de modo notável de 1935 a 1951, a partir da consideração pura e simples das certezas experimentais. Apesar do enriquecimento posterior, pode-se considerar 1958, ano de publicação, na revista *Les lettres nouvelles* dos meses de abril e maio, de um longo artigo — posteriormente republicado em livro de mesmo título — denominado “Les trois matières”, como um marco definitivo na maturação de seu pensamento sistêmico. Lupasco é um pensador profundo que transita suas reflexões por dados científicos, o que não torna sua leitura algo fácil, ao contrário. Não se trata de um mero divulgador científico, como os que hoje pululam. Lupasco enfrenta com rigor filosófico uma questão posta pela ciência, com olhos e método científicos. Não repete o modelo do filósofo-cientista de um Francis Bacon ou de um Newton, mas inaugura um modelo de cientista-filósofo, necessário hoje para a superação de um cientificismo obscurantista e dogmático. Para usar o conceito de paradigma — feliz criação de Thomas S. Kuhn — pode-se dizer que Lupasco foi dos primeiros pensadores a repensar a realidade sob a ótica implicada na mecânica quântica, a aplicar o novo paradigma à reflexão filosófica.

Matéria para Lupasco designa um conjunto de eventos energéticos submetidos a uma determinada sistematização entrópica da energia. Em Lupasco, como na física quântica, matéria é energia. Esse é o ponto de partida, mas, ao verificar três modos possíveis de sistematização da

energia, Lupasco é inovador e se opõe radicalmente a um monismo lógico-metafísico. Veja-se este seu trecho:

Hoje a noção de evento substitui a de elemento e toda matéria se apresenta sob a forma duma sistematização energética dotada duma certa resistência.²

É a resistência relativa dos sistemas de eventos, os quais são relações energéticas, que confere à nossa representação sensível essa impressão de realidade física constante e opaca que nós denominamos matéria.³

A seguir, Lupasco formula uma pergunta de fundamental importância:

Será que a redução de toda noção experimental à noção de energia priva a noção de matéria de interesse e será que ela autoriza sobretudo um pensamento, que se presta a generalizações fáceis e obscuramente se dedica a algum monismo lógico-metafísico (que aumenta ainda mais o peso das importações orientais sobre a astenia filosófica do Ocidente hodierno), em última análise, se presta a confundir todos os fenômenos naturais na mesma identidade?⁴

Lupasco levanta essa questão e propõe seu tratamento no referido artigo, reconhecendo que "a investigação científica não se pronuncia, de maneira alguma, sobre a natureza desse enigmático agente energético que ela se vê forçada a

2. Tradução sintética. Cf. LUPASCO, Stéphane, *Les trois matières*, Paris, 1960, p. 15.

3. LUPASCO, Stéphane. Op. cit., p. 16.

4. Id., ib.

postular".⁵ Com efeito, a ciência só trata das manifestações desse agente, as quais são função do comportamento dos eventos energéticos. Uma leitura atenta da pergunta acima formulada mostra que Lupasco rejeita a utilização do chamado Novo Paradigma como "prova demonstrativa" de verdades metafísicas. Entretanto, numa conversa que mantive com ele em seu gabinete, em abril de 1983, Lupasco já não se mostrava tão rígido, expressando surpresa com as implicações metafísicas de seus escritos e com a aplicação de sua ortodialética ao estudo da lógica do discurso teológico, tal como fez Bernard Morel em sua obra *Dialectiques du mystère*.⁶ Nesse livro, Morel mostra que a lógica do conhecimento metafísico-teológico, contida no discurso da fé, não obedece ao Princípio de Não-Contradição. Opostamente, segue o Princípio do Terceiro Incluso. O teólogo Félix Alexandre Pastor, na qualidade de catedrático de Pontifícia Universidade Gregoriana, ao ensinar seu tratado dogmático *De Deo Revelato*, emprega também uma lógica do contraditório, a qual ele denomina de Lógica do Inefável. A aproximação de Lupasco com a teologia é uma questão de tempo, mas uma coisa parece certa: a compreensão da religião muda sob a ótica de Lupasco, tanto quanto muda a ótica da própria ciência.

Uma ilação a partir da redução da matéria a evento energético se erige de forma quase que imediata, sem recorrer a sobrenaturalidade alguma, e incide sobre a própria idéia que o homem pode fazer de si, como evento:

5. Id., ib.

6. MOREL, Bernard. *Dialectiques du mystère*, Paris, 1962.

Um mero raciocínio apressado que visa à sintetização das implicações lógicas do pensamento de Lupasco pode ser colocado nos seguintes termos: — Sou um corpo material e tenho consciência disto, ora, se a matéria é redutível à energia, então sou um evento energético que tem consciência de si. Onde, a consciência é o evento energético que se percebe a si mesmo em sua circunstância, pois se o corpo material se reduziu à energia, com mais facilidade a consciência se reduz à ela.

3 - O significado filosófico do Segundo Princípio da Termodinâmica

Para Lupasco esse Princípio significa a presença duma tendência, um imperativo de homogeneização imposto ao universo macrofísico, como causa final escatológica. Trata-se duma tendência para o caos, para a desordem dos sistemas, sua desagregação e sua morte. A homogeneização implica a eliminação das diferenças e, em razão disto, a supressão de um elemento necessário à constituição dos sistemas energéticos. Assim, como "todo sistema energético é função de forças antagônicas",⁷ uma situação de exclusiva predominância do Segundo Princípio da Termodinâmica não é capaz de fornecer condições de possibilidade para qualquer sistema energético existir como sistematização dotada de certa resistência, ou seja, de densidade. Portanto se pode

7. LUPASCO, Stéphane. *Op. cit.*, p.17. Cf. *L'énergie et la matière vivante*, Paris, 1962, p. 332.

dizer que, filosoficamente, esse Princípio de Carnot-Claussius significa o reconhecimento no âmbito físico-material da finitude da matéria, logo, de sua transitoriedade e de sua natureza accidental.

Esses aspectos mostram a impossibilidade filosófica de admitir-se um universo macrofísico submisso apenas ao Segundo Princípio da Termodinâmica. Por outro lado, seu reconhecimento implica a necessidade de identificar um outro princípio que lhe seja antagônico. Porque ambos atuam em antagonismo, e torna-se possível uma sistematização energética dotada de certa resistência. O universo existe em função dessas forças antagônicas. São elas que fornecem as condições de possibilidade para que o ser se revele por meio da pluralidade dos sistemas energéticos.

4. O Princípio de Exclusão de Pauli

*Wolfgang Pauli formulou um novo princípio fundamental da teoria quântica: dois elétrons com números quânticos idênticos não podem coincidir em um átomo. Cada órbita pode ser caracterizada por determinados números quânticos e cada órbita pode estar vazia ou conter apenas um elétron.*⁸

Lupasco encontra nesse Princípio o caminho da heterogeneidade, na medida em que ele torna possível a valência atômica e a possibilidade de interação entre átomos,

8. **SEGRE**, Emilio. *Dos raios-X aos quarks. Físicos modernos e suas descobertas*, Brasília, 1980, p. 147.

o que permite a construção das moléculas numa heterogeneidade crescente, marcada por um salto qualitativo que é o aparecimento do ADN com sua capacidade reprodutiva, ou seja, o surgimento da matéria viva auto-organizante.

Sobre esse Princípio escreve Lupasco:

Este Princípio é ainda mais enigmático, do que as Relações de Indeterminação de Heisenberg, para o pensamento racional. (...) O problema suscitado pelo Princípio de Pauli é muito mais perturbador. Dir-se-ia mesmo de excepcional gravidade, porque agride os esteios lógicos do entendimento espontâneo e usual. Ele instaura, no âmago de nossas mais avançadas e refinadas investigações, uma verdadeira causalidade da diversificação, sob o aspecto duma exclusão heterogeneizante a qual o seu próprio autor não conseguiu justificar logicamente: ela não pode ser deduzida da identidade teórica postulada na natureza física dos eventos — principalmente dos elétrons - nem de qualquer conjunto conceitual de ou qualquer síntese indutiva da qual ela (uma verdadeira causalidade da diversificação) seria uma das articulações. Nenhum edifício teórico contém o princípio de exclusão. O pensamento científico não sabe de onde a retirar. A menos que esse pensamento seja modificado no sentido lógico que eu preconizo.⁹

O sentido lógico preconizado por Lupasco é aquele que ele denomina de ortodialética, de lógica dinâmica do contraditório, ou ainda, de lógica do contraditório. Para Lupasco, o Princípio de Exclusão é uma evidência de que a lógica do ser é paradoxal e contraditória, donde o Terceiro deve ser incluído, o que afronta radicalmente a lógica

9. LUPASCO, Stéphane. Op. cit., p. 31.

generalizada desde Parmênides e Aristóteles, de que o Princípio de Não-Contradição, ou do Terceiro Excluído, é constitutivo e necessário ao entendimento lógico e racional da realidade. Para Lupasco o Princípio de Exclusão aponta numa direção oposta e torna evidente que o Princípio do Terceiro Incluído é que constitui elemento necessário às condições de possibilidade de existência do real.

Lupasco mostra que a aceitação do Princípio do Terceiro Incluído, longe de conduzir à imprecisão, ao arbitrário e ao caos, conduz a um formalismo lógico preciso e preditivo.¹⁰

O Segundo Princípio da Termodinâmica e o Princípio de Exclusão de Pauli representam para Lupasco uma tensão entre a predominância entrópica positiva homogeneizadora e a predominância neguentrópica (entrópica negativa) heterogeneizante. Essa tensão pode manifestar-se em três aspectos, conforme predomine ora a tendência entrópica, ora a tendência neguentrópica, ou ainda, conforme um estado equilibrado dessas tendências. Essas são as três situações possíveis do comportamento da energia, das quais decorrem sistematizações de três naturezas diversas, que são as três matérias distinguidas por Lupasco.

A primeira é a matéria macrofísica inerte, cuja lógica de comportamento está submetida ao imperativo do Segundo Princípio da Termodinâmica, tendente a um fim homogêneo na forma de calor.

A segunda é a matéria viva auto-organizante cuja lógica de comportamento se submete ao Princípio de Exclusão,

10. NICOLESCU, Basarab. Op. cit., p. 40.

fator de heterogeneização que conduz a energia a organizar-se numa multiplicidade de formas vivas em crescente complexidade e diferenciação.

A terceira matéria tem como característica e condição de possibilidade um “estado Θ (Theta)”, como vem denominado por Lupasco, no qual não existe predominância nem da entropia nem da neguentropia. Esse estado energético constitui, para o pensador, sua matéria microfísica, “cuja manifestações estranhas fazem o objeto da física dos quanta e que não se poderia classificar nem na matéria animada nem na inanimada, se bem que delas se aproxime dos dois lados.”¹¹ Em seguida Lupasco fará coincidir essa matéria microfísica com a matéria psíquica.

Para Lupasco, essas três matérias compõem o universo dado a nossa experiência e consciência. Isso é o que se pode denominar de trimaterialidade universal no pensamento de Stéphane Lupasco.

Embora não se queira repetir aqui todos os passos da pesquisa de Lupasco que levaram a suas conclusões, não é possível encerrar estas notas sem lembrar as implicações filosóficas que Lupasco garimpa na compreensão do fenômeno quântico. Elas decorem de um ponto fundamental: o paradoxo corpúsculo-onda.

O reconhecimento do fenômeno quântico torna impossível negar o paradoxo corpúsculo-onda. O que se entende por fenômeno quântico constitui um fenômeno energético que tem como condição de possibilidade a velocidade da luz, a qual foi elevada por Einstein à natureza de barreira-limite da resistência dos sistemas energéticos. A partícula exemplar é o fóton, um estado quântico que admite

11. LUPASCO, Stéphane. Op. cit., Paris, 1960, p. 65.

uma quantidade de partículas indefinida calculadas com os mesmos números quânticos. Desse modo, o fóton, que é uma partícula do tipo bózon, mostra um comportamento antagônico ao do elétron. Os elétrons são partículas do tipo férmion e essas excluem de seu estado quântico qualquer outra partícula. Assim, uma partícula subatômica tem uma expressão corpuscular concomitante a uma expressão ondulatória: pode ser dita corpúsculo ou onda. Noutras palavras se pode afirmar simultaneamente: é corpuscular e não é corpuscular; é onda e não é onda. Como se vê, a lógica do Terceiro Excluído, tão defendida e summa autoridade do bom-senso, revela-se no âmbito quântico totalmente contrariada e desmentida pela experiência.

5. A ortodialética

Se o antagonismo é condição de possibilidade de existência, então Lupasco se vê obrigado a reformular a dialética de Hegel e, por extensão, a de Marx. Dois filósofos que pensaram a relação tese-antítese-síntese de modo sucessivo e cronológico, como fases dum processo. Lenin irá além:

*Em sua significação correta, a dialética é o estudo da contradição dentro da própria essência das coisas.*¹²

Caberá a Mao Tsé-Tung avançar ainda mais, talvez devido à influência da dialética tradicional da China, dizendo:

12. MAO-TSÉ-TUNG. Cf. *Sobre la contradiccion*, Pequim, 1966, p. 1.

*Não há nada que não contenha contradição; sem contradição não existiria o mundo.*¹³

Se esses pensadores tivessem uma formação científica talvez pudessem fazer o salto ortodialético, mas, certamente, ficaram presos à utilização ideológica com fins revolucionários, para os quais a contradição mais significativa era a luta de classes.

Lupasco ressalta sempre que não se trata de oposição, mas sim de contradição. Desenvolvendo sua ortodialética, Lupasco frisa que ela se diferencia das demais dialéticas por tomar a relação tese-antítese-síntese como relação sincrônica, como condição necessária de possibilidade de um sistema energético. Lupasco chega a algumas certezas que para ele são evidentes e as formula em leis:¹⁴

1^a) Para que um sistema exista é preciso que os elementos energéticos que o constituem se atraiam e se repilam ao mesmo tempo.

2^a) É preciso que os constituintes energéticos de todo sistema sejam ao mesmo tempo e contraditoriamente heterogêneos e homogêneos.

3^a) É preciso que toda energia, qualquer que seja e em qualquer terreno, passe de um certo grau de potencialização a um certo grau de atualização.

Para Lupasco, no âmbito da matéria macrofísica, viva ou inerte, há uma dinâmica equilibrante: toda despotencialização

13. Id., p. 12.

14. LUPASCO, Stéphane. “Pour une nécessaire mutation de la logique de l'entendement”, em *3e.Millénaire*, n.2, maio-junho de 1982, pp. 32-33.

corresponde a uma atualização e toda desatualização corresponde a uma potencialização. No âmbito da matéria psíquica, caracterizada pelo equilíbrio entrópico, o que ocorre para Lupasco é uma semi-atualização e uma semipotencialização, o que mostra que o “estado Θ (Theta)” comporta uma variação que não implica os sistemas resistentes. Registre-se aqui, como hipótese, que aí pode estar o campo de resposta justificativa das cargas fracionárias presente em partículas subatômicas.

*Essas três leis fundamentais poderiam ter sido enunciadas a priori, já que são tão evidentes para um entendimento que pode submeter-se ao entendimento dos fatos. Entretanto, precisei de longos estudos científicos para chegar a induzi-las, a defini-las e mesmo as formalizar numa nova álgebra da energia. Com efeito, em qualquer de nossas experiências, tudo é sistema, engendrado em virtude destas leis energéticas.*¹⁵

6. Conclusão

O pensamento de Lupasco considera a realidade distribuída em três matérias, mas estas estão amalgamadas de modo indissociável, estão as três reciprocamente implicadas e são todas necessárias umas às outras. O principal corolário da sistemologia geral de Lupasco é que ele anula a distinção entre espírito e matéria: a matéria se espiritualiza e o espírito se materializa — a transcendência se torna presente através da própria imanência. A energia no “estado Θ (Theta)” pode

15. Id., p. 33.

ser pensada dentro dos limites do tempo e do espaço. O universo simbólico e conceitual, emotivo e racional adquire um *status* filosófico novo, uma quiddidade cuja lógica não admite o Princípio do Terceiro Excluído.

Stéphane Lupasco demonstra que a filosofia da ciência pode e deve adentrar o terreno até hoje reservado à metafísica. Torna-a, de certo modo, uma metafísica, pois ultrapassa o físico pelo caminho aberto pela física quântica. Entretanto, não seria conveniente nomeá-la de metafísica, pois sua argumentação não é mais um absoluto eterno destacado da realidade física, mas sim a própria energia universal como a própria causa eficiente e final de toda e qualquer sistematização energética, apesar de que sua atualização ocorra por intermédio duma tríplice causalidade e duma tríplice finalidade. Essa energia é para ele um dado que tudo envolve, penetra e embebe — a afetividade.¹⁶

Lupasco constitui um desafio ainda não enfrentado tanto pela ciência quanto pela teologia. Mas ambas não poderão ignorar o pensamento dele no século vindouro, pois é a partir de sua filosofia que se poderá reintegrar, não sem enormes concessões recíprocas, o conhecimento moderno (científico) com o conhecimento tradicional (metafísico). É no comportamento da energia que se vão encontrar as matrizes dos múltiplos sistemas possíveis, que, por refração e rebatimento, engendram a realidade múltipla.

Para sintetizar, é justo afirmar que Lupasco é o primeiro cientista-filósofo que enfrenta epistemologicamente a questão do uno e do múltiplo. Ele não recorre à abstração lógica nem a conceitos apriorísticos, mas trilha a observação dos fenômenos energéticos; nisto consiste sua originalidade.

16. LUPASCO, Stéphane. *Les trois matières*, Paris, 1960, p. 104.

Já há séculos, o cardeal Nicolau de Cusa escrevia:

*Tudo aquilo cuja existência se concebe é e não é,
igualmente. E tudo aquilo cuja inexistência se concebe,
igualmente é e não é.*¹⁷

Constata-se que uma lógica que considere o Princípio do Terceiro Incluso uma lógica do contraditório, tem raízes muito anteriores a Lupasco; seu grande mérito foi ter chegado a ela através da filosofia da ciência.

17. NICOLAU DE CUSA. *De la docte ignorance*, Paris, 1930, p. 43.